

Acordar não tão cedo como nos cinco dias que precederam, mas não mais tarde do que preten- do amanhã. Ainda de olhos fechados procurar a mão dele e envolvê-la na minha cintura, para que eu saiba que não houve fuga durante a madrugada.

Cuidar para que haja um certo si- lêncio e o dia acorde calmo, mas não deixar que a falta de palavras dure tempo demasiado e deixe as pró- ximas horas vazias demais. Virar para ver o sorriso que, se emol- durado, tornaria o mais belo quadro e contemplar olhos pequenos, rosto amassado e a complicitade de uma noi- te compartilhada.

Tomar um banho da- queles quentes - mesmo no verão - e não sair sem um último jato de água gelada pra manter os cuidados com a pele e alma, que deve se man- ter acordada.

A roupa vai estar de acordo com o humor, alternando somente entre bom e muito bom porque a melhora deve vir gradualmente, à medida das horas. Não me arrumar sem antes ligar o som para saber que ainda existe músi- ca e que ignorá-las não é atitude inteligente para quem deseja um belo dia.

Não sair sem beijar o ca- chorro, o gato e o meu ama- do. Avisá-los que não demo- ro, é o tempo entre um piscar de olhos, que me esperem pro café. Perceber o céu e sentir o dia enquanto caminho em busca das flores, que fiquem onde estão, eu vou chegando.

Avistar as mais belas do dia que de tão coloridas eu sinto alegria e, de repente, eu escolho usando emoção, sem raciocínio, nada de explicação. Sorrir para o florista que de tão conhecido tornou-se amigo e já pode, a essa altura, me dizer como fazer para torná-las mais fortes e vivas, sem medo que eu não faça mais visitas.

Voltar pra casa cantando em gratidão às coisas que de tão simples não fazem alarde, mas uma simples ausência dei- xaria saudade...

Cada um tem o Pelé que merece ou O Brado Retumbante do garoto que não sabia perder.

Finalmente cerram-se as cortinas do maior espetáculo da Terra. Quem brincou, brincou, quem não brincou não brinca mais. O árbitro pediu a bola e pátria do carnaval que há 56 anos atrás perdia para o Uruguai por uma síndrome de inferioridade, um complexo de vira-latas, nas palavras de Nelson Rodrigues, agora perde para a França pelo motivo oposto: sub-julgamos os adversários. O que mudou?

De lá pra cá, o Brasil passou de Terceiro Mundo, para Subdesenvolvido e agora estamos Em Desenvolvimento. Os índices mostram um mesmo país desigual. Por que então tanta soberba nacional? Os "especialistas" sentiriam que faltou raça, aquela vontade de jogar futebol. Afinal são todos os jogadores uns gringos, que se esqueceram das desigualdades da pátria mãe.

Não são mentiras por completo, mas nada mais brasileiro que "esquecer" as desigualdades sociais, a ocultação faz parte do transe brasileiro, do delírio carnavalesco desse país tropical. Vendemos para o mundo que o modelo brasileiro seria campeão. Não precisaríamos de tática ou treino, estratégia é para os que não tem a habilidade nata, para os que não jogam o futebol de verdade, para os retranqueiros. Nós venceríamos qualquer um na hora que quiséssemos, graças a nossas qualidades, nossas individualidades, nossa malandragem, nossa natural malemolência, o jeitinho brasileiro triunfaria de longe. Perdemos e feio!

A seleção do Parreira que agora é apedrejada, e que até a estréia da Copa era ovacionada, não é tão diferente da população brasileira, como vêm tentando destacar os "especialistas". O delírio coletivo que é a realidade brasileira, o carnaval alegórico que é o dia-a-dia, que fazem existir esse insustentável estado, esse congresso; a corrupção que aqui é um direito do cidadão - ou porque todos fazem, ou porque o sistema permite - a desigualdade gritante que vai à praia junto, ou que se separa por um frágil feixe de areia fundido nos sinais. A mesma crença de que esse país será o do futuro, porque temos um Jeitinho que só aqui temos, nos fez perder a Copa do mundo, e segue afundando essa nação, pois os governantes assim agem e o povo legitima. Só acho pouco, de nada serve a malandragem do garoto que passa o gringo para trás, e rouba 300 dólares dele; a volta é que dói, seguimos boiando na inerte América Latina, achando que estamos nos planos da história. Enquanto a novela das oito segue mostrando o bom de ser rico, glamorizando a vida das "celebridades", e o país segue em transe acreditando em um futuro, ou no se fode agora mais no céu melhora. Desta maneira o país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza vai permanecer por muito tempo deitado eternamente em berço esplêndido, sonhando com o futuro aonde Ele será o País da realidade; mas, enquanto isso... permanecemos estáticos, abaixo do equador, fingindo debater nossos problemas. Aqui não se discute causas: propõe-se cotas como uma medida para resolver o problema racial, como uma lei, e não uma medida emergencial.

Ou será que alguém acha que mais uma novela terminar com a vilã se dando bem seja algum avanço na crítica social?

É como acreditar que esse país não tem preconceito racial e sim de classe, não seria a maior coincidência da história a quantidade de negros na clas- se pobre? Ou então acreditar que a Veja ao publicar as "soluções para o problema do PCC" está abrindo alguma discussão maior sobre a violência? Vamos continuar delirantes acreditando nessas histórias muito mal contadas... Continuemos como o palhaço do Pelé: divertindo o mundo, com samba, mulata e futebol, que nisso somos bons, esperando com malandragem pra ver o que rola. Bons votos pra todos vocês!!!

Leandro Castro

editorial

MORIA não é clube do bolinha. É com grande felicidade que as primeiras participantes do sexo femini- no em nosso projeto são duas grandes amigas.

Em Imagens, Elisa Volland e suas fotos dos primórdios arquitetônicos da cidade de São Paulo. O Viaduto do Chá, o Teatro Municipal e o Pátio do Colégio são marcos de uma cidade que tem mais de 500 anos de história. Hoje, apesar das técnico-evoluções deixarem um ar de Admirável Mundo Novo, ainda há resquícios da antiga São Paulo cafeeira.

Em Canto Crônico aparece o delicio- so texto "Sábado", de Caroline Abreu. Essa belíssima escritora já havia sido convidada outras vezes e nessa edição nos dá o prazer da publicação de seu texto.

O entrevistado desse mês é Rui Martins, criador do Movimento Brasilei- rinhos Apátridas, que reúne brasileiros emigrados no mundo inteiro. O movi- mento luta pela aprovação da emenda Constitucional PEC 272, de autoria de Lúcio Alcântara (PSDB-CE). A emenda devolve a condição de brasileiros natos aos filhos de brasileiros nascidos no ex- terior. Este direito foi tirado na revisão da Constituição em 1994, no governo Itamar Franco.

O interessante é pensar que nem no pior momento de nossa história contemporânea, a Ditadura Militar, os exilados e refugiados tiveram esse direito negado. Agora no começo desse novo século, podemos ser o único país a rejeitar nossos filhos.

UM PEDIDO

O MORIA vem crescendo. Leitores, colaboradores, distribuição e sua pró- pria ideologia estão ganhando massa. Nessa presente edição vamos cruzar oceanos e continentes. O MORIA vai conhecer a América do Norte e a Euro- pa. Ou será que a América do Norte e a Europa vão conhecer o MORIA?

O Projeto é totalmente independen- te e sem fins lucrativos. Fazemos por puro prazer. A intenção é crescermos cada vez mais, mas para isso pedimos a sua contribuição....

Leia mais sobre este assunto dentro do encarte.

Rodrigo Lima | EDITOR CHEFE



Carybé.

(Lanus/Argentina 1911) | (Salvador/Brasil 1997)

Hector Julio Páride Bernabó, mais conhecido como Carybé, nasceu na Argentina , começou a vida na Itália e no Brasil se naturalizou e viveu.

Branco de nascimento e negro de alma, Carybé adotava em suas obras traços da sua baianidade, pintando e colorindo Salvador, as danças, os costumes e sempre o carnaval.

Carybé era um pintor de recursos limitados, porém um desenhista brilhante, per- tencente à depurada crônica visual da Bahia. Tinha no candomblé sua força exterior e divina, no qual era agraciado como Obá de Xangô, o posto mais alto da religião.

Existem duas versões para a explicação do nome artístico: uma vem de uma histó- ria de que carybé era o nome de um mingau que adorava tanto, por isso começou a utilizar este nome. Outra história vem dos seus tempos de escoteiro, no qual carybé era o nome dado para sua barraca de acampamento.

Morreu na Bahia em 1997, entre os deuses em um culto de candomblé, de infarto do coração no meio do terreiro.



MORIA

SOCIEDADE, CULTURA E PENSAMENTO



MORIA | Ano I | n° 4 | outubro 2006



Entrevista RUI MARTINS, líder do movimento Brasileirinhos Apátridas:

“O Brasil pratica suicídio ao rejeitar seus cidadãos emigrantes e seus filhos...”



Carybé: O Argentino mais baiano da Bahia.

PROSA, VERSOS E POEMAS "Trindade"

por PEDRO ERNESTO

Mudanças repentinas das estações. Nem o frio intenso. Nem o calor dos infernos. Apenas uma brisa... Leve... Passageira...

O cair das folhas. Desabrochar das flores. Desdobramentos temporais. Ypês Amarelos

Belo como a paz. A alegria da brisa matinal. Amor maternal. Paixão casual.



